

HISTÓRIAS DE VIDA COMO APRENDIZAGEM: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE INCLUSÃO A PARTIR DA VIDA DE UMA MULHER COM DEFICIÊNCIA.

José Augusto dos Santos Sousa

Licenciando em Educação Especial e Inclusiva no IFPI/CASRN

E-mail: joseaugustossousa0@gmail.com

Vitor Dias

Licenciando em Educação Especial e Inclusiva no IFPI/CASRN

E-mail: costavitorcv9@gmail.com

Veridiano de Sousa Oliveira

Licenciando em Educação Especial e Inclusiva no IFPI/CASRN

E-mail: veridianosousa10@gmail.com

Marcelo Bruno Araújo Queiroz

Professor do IFPI/CASRN

E-mail: marcelo.bruno@ifpi.edu.br

RESUMO

Este relato de experiência, desenvolvido na disciplina “Fundamentos da Educação Especial: aspectos históricos, políticos e legais” em 2025.1, no curso de Licenciatura em Educação Especial e Inclusiva – EAD – IFPI, Campus São Raimundo Nonato, apresenta vivências constituídas a partir de um diálogo sobre a trajetória de vida de uma mulher com deficiência visual e escoliose congênita, domiciliada no Território Serra da Capivara. O objetivo central foi compreender como sua história de superação, marcada por desafios acadêmicos, sociais e familiares, contribui para reflexões aprofundadas sobre inclusão, acessibilidade e valorização da diversidade. A experiência incluiu entrevista presencial e depoimentos de pessoas próximas, que destacaram sua autonomia, domínio do braille e uso de tecnologias digitais. Para preservar a identidade das participantes, foram utilizados pseudônimos em todas as referências pessoais apresentadas neste relato. A experiência proporcionou amadurecimento pessoal e acadêmico à equipe, reforçando que a inclusão ultrapassa a matrícula escolar e a teoria, exigindo compromisso ético, empatia e ações que assegurem a participação efetiva. O relato destacou a importância de valorizar histórias de vida como fonte de aprendizado, demonstrando que a inclusão se constrói diariamente por meio de atitudes conscientes, respeito às diferenças e incentivo à autonomia. Ao conhecer a trajetória de Rosa, a equipe compreendeu que a educação inclusiva deve integrar dimensões sociais, pedagógicas e humanas, transformando reflexões em práticas capazes de gerar mudanças significativas na sociedade.

Palavras-chave: inclusão; deficiência visual; trajetória de vida; educação especial; tecnologias digitais.

1 INTRODUÇÃO

A inclusão das pessoas com deficiência constitui um dos maiores desafios da sociedade contemporânea, especialmente no campo educacional. Apesar dos avanços legais e

pedagógicos, ainda persistem barreiras que dificultam a plena participação dessas pessoas na escola e na sociedade. Nesse contexto, este trabalho desenvolvido na disciplina Fundamentos da Educação Especial: aspectos históricos, políticos e legais, no semestre 2025.1, no curso de Licenciatura em Educação Especial e Inclusiva – EAD – IFPI, Campus São Raimundo Nonato, apresenta a experiência de conhecer e sistematizar a trajetória de vida de uma mulher com deficiência visual, cuja história se tornou inspiração para refletir sobre superação, acessibilidade e práticas inclusivas.

A Constituição Federal de 1988 reconhece a educação como direito de todos (Brasil, 1988). No entanto, pessoas com deficiência ainda enfrentam diversas barreiras para que esse direito seja efetivamente garantido. Segundo Mantoan (2003), a escola inclusiva deve reconhecer a diversidade como parte essencial do processo de ensino-aprendizagem, superando práticas de exclusão. A trajetória da PCD (pessoa com deficiência) entrevistada ilustra esse desafio: mesmo no ensino superior, percebeu certa resistência de alguns colegas em formar duplas com ela para trabalhos acadêmicos, pois havia o receio de que sua deficiência pudesse representar uma dificuldade. Para contornar a situação, a mesma aceitava que, quando estivesse em uma dupla, o grupo fosse formado por três pessoas, de modo que todos se sentissem mais seguros e pudessem compartilhar melhor as responsabilidades. Esse episódio evidencia como o capacitismo pode se manifestar de forma sutil, e ao mesmo tempo usual, no cotidiano acadêmico, levando a própria pessoa com deficiência a adotar estratégias para não se sentir um peso e, ao mesmo tempo, garantir sua participação. Como destaca Carvalho (2004), a inclusão não se limita à matrícula, mas implica em criar condições reais de participação e valorização das diferenças. Nesse viés, pensar a inclusão requer considerar não apenas as legislações vigentes, mas também os desafios pedagógicos, atitudinais e sociais apontados por diferentes estudiosos da área.

Ao conhecer a rotina e a trajetória da pessoa entrevistada, os autores deste relato se surpreenderam com sua habilidade em realizar atividades cotidianas, como enviar mensagens de áudio pelo aplicativo WhatsApp de forma autônoma. Esse episódio evidenciou como o capacitismo pode se manifestar em pensamentos automáticos: não se tratava de uma intenção de duvidar de suas capacidades, mas do estranhamento diante de algo simples que não deveria ter causado surpresa. Isso demonstra que, muitas vezes, o capacitismo não se expressa apenas em falas ou atitudes explícitas, mas também em pensamentos inconscientes que acabam subestimando as potencialidades da pessoa com deficiência. Além do WhatsApp, a mesma também utiliza o celular para realizar pesquisas na internet e faz uso do computador

normalmente, o que amplia ainda mais sua autonomia. Esse aspecto dialoga com Bonilla, Silva e Machado (2018), que destacam o papel das tecnologias digitais como instrumentos de ampliação da autonomia e da participação de pessoas com deficiência na sociedade. Além da tecnologia, também impressionou aos estudantes a autonomia de Rosa em tarefas do cotidiano, como cuidar da casa, acompanhar os netos e até mesmo assinar o próprio nome, o que representou outra experiência marcante para nós. Vale ressaltar que, além da deficiência visual, também possui escoliose desde o nascimento, o que torna sua independência ainda mais significativa. Esses exemplos reafirmam que a deficiência não limita suas possibilidades, mas, ao contrário, reforça a necessidade de reconhecer e valorizar diferentes formas de exercer a autonomia.

Esse contato fez os autores refletirem sobre como as dificuldades enfrentadas por esta pessoa dialogam com as análises de Beyer (2006), que defende que a inclusão só é plena quando há participação efetiva dos alunos com deficiência em todos os espaços sociais e educativos. De forma semelhante, Lima e Manjinski (2024) ressaltam que, no ensino superior, ainda persistem barreiras atitudinais e estruturais que limitam essa participação. Ao ouvir a trajetória e história de vida, os autores puderam perceber que tais desafios não estão apenas nos textos acadêmicos, mas na vida real de pessoas que, apesar das limitações impostas pela sociedade, encontram caminhos de resistência e superação. Essa constatação reforçou em nós a importância de valorizar histórias de vida como a dela, que trazem ensinamentos construídos pela experiência e pela sabedoria acumulada ao longo dos anos.

Do mesmo modo, ouvir os depoimentos de duas professoras próximas à entrevistada foi também uma experiência significativa, pois nos permitiu enxergar como a trajetória da PCD aqui em destaque inspira e impacta aqueles que convivem com ela. Esses relatos, somados ao fato da mesma atuar ativamente em associações — sendo inclusive presidente de uma delas —, reforçaram a importância de dar voz e espaço às histórias de vida de pessoas com deficiência, reconhecendo nelas uma fonte legítima de reflexão, aprendizado e sensibilização. Assim, este trabalho tem como objetivo relatar a experiência de conhecer e sistematizar a trajetória de vida de uma pessoa com deficiência, destacando os aprendizados construídos a partir desse contato e refletindo sobre as implicações sociais, pedagógicas e humanas da educação inclusiva.

2 ATIVIDADES REALIZADAS

O primeiro contato com Rosa ocorreu por meio do aplicativo WhatsApp, quando os autores se apresentaram e explicaram o objetivo da entrevista: compreender sua trajetória de

vida, experiências acadêmicas, rotina diária e processo de socialização na vida adulta. Esse momento inicial evidenciou a importância de conduzir a atividade com sensibilidade e respeito à sua autonomia.

A entrevista foi realizada presencialmente na sede da ASPIDEV (Associação de Pessoas com Deficiência Visual), com perguntas previamente elaboradas. Fomos impactados por sua história de superação, determinação, luta pela acessibilidade e atuação como líder na associação. Esse contato nos fez refletir sobre como a inclusão vai além da teoria, exigindo ações concretas que valorizem a participação plena das pessoas com deficiência.

Para complementar a entrevista, coletamos depoimentos de pessoas próximas a Rosa. Orquídea destacou sua força e dedicação à frente da associação, enquanto a professora Jasmim relembrou o ensino do braille e a excelência de Rosa no aprendizado, enfatizando uma frase frequentemente repetida por ela: “A inclusão começa no coração”. Esses relatos reforçaram nossa percepção sobre sua resiliência e nos inspiraram a compreender melhor como histórias de vida podem impactar e motivar a comunidade.

Além da entrevista com Rosa e dos depoimentos complementares, a atividade também trouxe benefícios diretos à equipe responsável pelo relato, proporcionando aprendizado sobre inclusão, autonomia e socialização. O material foi posteriormente apresentado à turma da disciplina Fundamentos da Educação Especial: Aspectos Históricos, Políticos e Legais (semestre 2025.1), do curso de Licenciatura em Educação Especial e Inclusiva da Universidade Aberta do Brasil, polo Instituto Federal do Piauí – Campus São Raimundo Nonato (UAB/IFPI), ampliando o alcance da experiência e permitindo que outros colegas também se beneficiassem das reflexões produzidas.

Mais do que registrar informações, essa atividade proporcionou amadurecimento pessoal e acadêmico, ampliando nossa visão sobre autonomia, inclusão e valorização da diversidade. A experiência mostrou que a inclusão se constrói diariamente, por meio de atitudes conscientes, engajamento e respeito às capacidades individuais, e que trajetórias como a de Rosa tornam-se fontes legítimas de aprendizado e inspiração.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar dos avanços legais, como a Constituição de 1988, e das contribuições teóricas sobre educação inclusiva, ainda persistem barreiras pedagógicas, sociais e atitudinais que dificultam a plena participação dessas pessoas. A experiência com Rosa evidenciou tanto os obstáculos sutis presentes no cotidiano, como o estranhamento diante de sua autonomia, quanto

a importância das tecnologias e da valorização das diferenças para ampliar sua participação. Seu exemplo inspirou reflexões sobre a necessidade de práticas realmente inclusivas, que vão além da matrícula, e reafirmou a relevância de dar voz e espaço às histórias de vida como fonte legítima de aprendizado e transformação social.

A história de Rosa nos lembra que a inclusão não é apenas um conceito ou uma política pública, mas um compromisso diário com a empatia, a justiça e a valorização da diversidade humana. Sua trajetória mostra que, mesmo diante de adversidades extremas, é possível resistir, transformar a dor em luta e inspirar mudanças significativas. Ao conhecermos sua história, somos convocados a repensar nossas atitudes, nossos olhares e nosso papel social na construção de um mundo mais acessível e igualitário. Que possamos, assim como Rosa, acreditar no poder da coletividade, da educação e do respeito como ferramentas para romper barreiras e abrir caminhos. A inclusão começa no coração, mas precisa se concretizar em ações.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos, em primeiro lugar, a Rosa pela disponibilidade, confiança e generosidade em compartilhar sua trajetória de vida, que se tornou fonte de aprendizado e inspiração para esta experiência. Estendemos nossos agradecimentos a Orquídea e à professora Jasmim, cujos depoimentos enriqueceram e ampliaram nossa compreensão sobre a relevância de Rosa em sua comunidade. Reconhecemos, ainda, ao Instituto Federal do Piauí (UAB/IFPI – Campus São Raimundo Nonato), pela oportunidade acadêmica que possibilitou a construção desta reflexão coletiva.

REFERÊNCIAS

- BEYER, Hugo Otto. *Inclusão e avaliação na escola*. Porto Alegre: Mediação, 2006.
- BONILLA, Maria Helena Silveira; SILVA, Manoela Cristina Correia Carvalho da; MACHADO, Taiane Abreu. Tecnologias digitais e deficiência visual: a contribuição das TIC para a prática pedagógica no contexto da Lei Brasileira de Inclusão. *Revista Pesquisa Qualitativa*, v. 6, n. 12, p. 412-425, 2018.
- BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil de 1988*. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.
- CARVALHO, Rosita Edler. *Educação inclusiva: com os pingos nos “is”*. Porto Alegre: Mediação, 2004.



LIMA, Lucelia Mateus; MANJINSKI, Everson. Inclusão de alunos com deficiência no ensino superior brasileiro: análise crítica das práticas educativas e políticas de inclusão. *Revista Teias do Conhecimento*, v. 4, n. 1, 2024. DOI: 10.5212/RevTeiasConhecimento.2024.22993.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. *Inclusão escolar: o que é? por quê? como fazer?* São Paulo: Moderna, 2003.